



A CONTRIBUIÇÃO DAS VISITAS DE CAMPO NO ENSINO DAS CIÊNCIAS AGRÁRIAS NA UFRRJ¹

César Augusto Da Ros

RESUMO

Este artigo analisa a contribuição das visitas técnicas de campo, realizadas semestralmente no âmbito da disciplina de extensão rural, no processo de formação dos profissionais das ciências agrárias da UFRRJ. A organização de visitas com turmas de alunos em comunidades de agricultores familiares no meio rural fluminense têm por objetivo despertar maior interesse aos temas tratados pela disciplina e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de uma percepção sistêmica das múltiplas dimensões da realidade social do meio rural, a partir de um exercício de diálogo interdisciplinar. No desenvolvimento desta metodologia de ensino foram previstos três momentos distintos. O primeiro deles ocorre em sala de aula, mediante a apresentação e discussão de algumas das metodologias de diagnóstico da realidade utilizadas pelos extensionistas atualmente. O segundo momento ocorre no campo, quando os estudantes são orientados a fazer um levantamento detalhado de informações com base em um roteiro prévio de questões e temas, no qual se busca realizar um levantamento dos problemas e potencialidades existentes nos locais visitados. O terceiro e último momento ocorre em sala de aula, quando os professores e os alunos discutem coletivamente, todos os aspectos observados durante a visita, tendo por objetivo a elaboração de um trabalho escrito e a sua apresentação em um seminário final. A construção desta proposta de ensino foi inspirada na leitura de alguns dos autores ligados a uma corrente teórica da educação brasileira, conhecida como *pedagogia histórico crítica*.

Palavras-chave: Extensão Rural. Visitas de Campo. Diagnósticos. Agricultores Familiares.

THE CONTRIBUTION OF FIELD VISITS IN AGRICULTURAL SCIENCES EDUCATION AT UFRRJ

ABSTRACT

This article analyzes the contribution of technical field visits, conducted every six months under the rural extension discipline, as part of the agricultural sciences professionals training at UFRRJ. The organization of visits with groups of students in family farmers communities in rural areas of Rio de Janeiro are intended to arise a greater interest on the topics addressed by the discipline and at the same time contribute to the development of a systemic perception of the multiple dimensions of the social reality in rural areas, as a result of an interdisciplinary dialogue practice. This teaching methodology was divided in three different moments. The

¹ Este artigo é uma versão revisada e modificada de um trabalho apresentado no II Seminário Nacional de Extensão Rural, ocorrido em Santa Maria – RS, entre os dias 15 e 17 de setembro de 2010 na UFSM.

first occurs in the classroom, through the presentation and discussion of some of the diagnostic methods used by the extension students of today. The second moment occurs in the field, when students are asked to make a detailed survey of information based on a previous script of questions and issue topics, in order to identify existing and potential problems in the places visited. The third and last moment occur in the classroom when teachers and students, together, discuss all aspects observed during the visit, aiming to prepare a written work and its presentation in a final class seminar. This method was inspired on the approach revealed by some authors linked to the Brazilian pedagogical theory named historical criticism.

Keywords: Rural Extension. Field Visits. Diagnoses. Family Farmers.

LA CONTRIBUCIÓN DE VISITAS EN EL ÁMBITO DE LA EDUCACIÓN EN CIENCIAS DE LA AGRICULTURA EN LA UFRRJ

RESUMEN

Este artículo analiza la contribución de las visitas técnicas, llevadas a cabo cada seis meses durante disciplina de extensión, en el proceso de formación de profesionales en ciencias agrícolas de UFRRJ. La organización de visitas con grupos de estudiantes en las comunidades de agricultores en las zonas rurales de Río de Janeiro tienen como objetivo despertar un mayor interés a los temas abordados por la disciplina y al mismo tiempo contribuir al desarrollo de una percepción sistémica de las múltiples dimensiones de la realidad social de las zonas rurales, como un ejercicio de diálogo interdisciplinario. En el desarrollo de esta metodología de enseñanza fueron previstos tres momentos diferentes. La primera ocurre en sala de clases, a través de la presentación y discusión de algunos de los métodos de diagnóstico utilizados por los técnicos de la extensión en el tiempo actual. El segundo momento se produce en el campo, cuando se les solicita a los estudiantes que hagan un estudio detallado de la información basada en un guión previo de preguntas y temas, en el que se busca levantar los problemas existentes y las potencialidades de los lugares visitados. En el tercer y último momento que ocurre en el salón de clases cuando los maestros y estudiantes colectivamente discuten todos los aspectos observados durante la visita, con el objetivo de elaborar un trabajo escrito y su presentación en un seminario final. La elaboración de esta propuesta de enseñanza se inspiró en la lectura de algunos de los autores vinculados a una corriente teórica de educación brasileña, conocida como la pedagogía crítica histórica.

Palabras-clave: Extensión Rural. Visitas de Campo. Diagnósticos. Agricultores Familiares.

INTRODUÇÃO

A disciplina de extensão rural se distingue das demais disciplinas presentes nas grades curriculares dos cursos de ciências agrárias por possuir como objeto de estudo, a análise dos processos de intervenção e mediação colocadas em prática pelas instituições

e por seus técnicos, sejam eles oriundos das ciências agrárias ou de outras áreas do conhecimento^{II}. Tais processos somente ganham sentido, a partir da sua vinculação às estratégias de desenvolvimento rural postas em ação majoritariamente pelo Estado, cuja materialização ocorre nas diferentes modalidades de política pública dirigidas aos espaços rurais e seus diferentes públicos. Nas situações em que o Estado não é o ator principal, as ações da extensão rural também estão fortemente vinculadas aos objetivos definidos pela pluralidade de entidades/organizações responsáveis pelo oferecimento de serviços enquadrados sob a denominação de “assistência técnica e extensão rural”, doravante referido apenas pela sigla ATER.

Por essa razão, o objetivo preconizado para a disciplina de extensão rural está vinculado a uma dimensão normativa, na qual os alunos das ciências agrárias são estimulados não apenas a analisar e problematizar a realidade social do campo, mas também a discutir juntamente com os diferentes públicos, as alternativas capazes de promover mudanças nos processos sócio-produtivos. Ou seja, a disciplina discute questões relacionadas à situação presente, mas vislumbrando sempre a construção de alternativas que possam ser materializadas em ações rumo a um “futuro desejado”, podendo ainda ser construídas com ou sem a participação dos públicos “beneficiários” ou “alvos”, o que depende muito da natureza das instituições/organizações e das ações de ATER postas em prática. Sendo assim, a disciplina busca se converter em um *núcleo integrador* dos conhecimentos específicos adquiridos pelos estudantes dos cursos de ciências agrárias, em suas respectivas áreas de formação profissional, ao conhecimento das dinâmicas econômicas, sociais, políticas e culturais dos espaços rurais nos quais terão de atuar.

Desse modo, o caráter interdisciplinar da extensão rural constitui-se em um dos seus elementos centrais, visto que esta mobiliza e dialoga com conhecimentos de diversas áreas, sejam eles das ciências agrárias, ciências sociais e humanas, ciências biológicas, ciências ambientais, entre outras. Ademais, o fato de a disciplina ter como objeto de estudo os processos de mediação e intervenção sobre os espaços rurais exige um acompanhamento constante da dinâmica dos processos sócio-produtivos, tanto por parte dos professores como por parte dos alunos. Sendo assim, o conhecimento da realidade social do meio rural mediante a inclusão de atividades práticas se constitui num importante instrumento de aproximação dos professores e alunos à prática social dos agricultores e suas comunidades, contribuindo para a formação de profissionais mais sensíveis aos seus problemas e demandas.

^{II} Embora os termos *intervenção* e *mediação* possam ser utilizados indistintamente para se referir às ações relativas ao trabalho dos extensionistas junto às comunidades de agricultores, convém diferenciá-los, destacando os seus distintos significados. O primeiro termo supõe uma ação deliberada movida por uma intencionalidade previamente elaborada de produzir mudanças nos processos produtivos, sócio-econômicos e culturais inerentes ao modo de vida de uma população rural implicada. Esta intervenção é movida por objetivos normativos e levada a cabo mediante processos comunicativos que envolvem inúmeros atores possuidores de conhecimento e situados em posições assimétricas de poder (CAPORAL, 1998, p. 45). O segundo termo corresponde ao conjunto de ações sociais nas quais um agente, o *mediador*, articula outros, os *mediados*, a universos sociais que se lhe apresentam relativamente inacessíveis. O mediador pode assumir esse papel por ter a capacidade de interagir em diferentes domínios sociais e de ‘lidar com vários códigos e valores adaptando-os e traduzindo-os para promover a comunicação entre grupos’. No entanto, seu agir não se restringe a interligar mundos diferenciados, pois ele também constrói e, portanto, tenta impor as representações dos mundos sociais que pretende interligar e o campo das relações que viabiliza esse modo específico de interligação (COWAN ROS, 2008, p. 100).



OBJETIVO

O presente artigo analisará a contribuição prestada pela inclusão das visitas técnicas de campo em propriedades familiares do meio rural fluminense como uma proposta metodológica de ensino da disciplina de extensão rural da UFRRJ. O objetivo principal desta metodologia é capacitar os alunos das ciências agrárias na construção de diagnósticos em propriedades familiares e assentamentos rurais a fim de estes possam identificar problemas de diversas naturezas (técnicos, econômicos, sociais, ambientais, etc) que estejam entravando o processo produtivo e o bem-estar geral das famílias implicadas, e ao mesmo tempo identificar potencialidades que possam orientar a construção de novas estratégias de desenvolvimento rural. Adicionalmente, esta metodologia propõe-se a desafiar os alunos na elaboração de propostas de intervenção técnica/social a partir dos problemas identificados durante o diagnóstico, e na elaboração de métodos de abordagem que façam uso de técnicas de comunicação rural dialógicas^{III}. A análise qualitativa deste processo será realizada ao longo das próximas seções deste artigo.

CARACTERÍSTICAS DA EXPERIÊNCIA E METODOLOGIA

A construção da proposta metodológica das visitas de campo em articulação a um exercício prático de análise, reflexão e proposição de uma estratégia de intervenção técnica e social foi inspirada no estudo de alguns autores ligados a uma corrente teórica da educação brasileira conhecida como *pedagogia histórico crítica*. Essa corrente parte do pressuposto de que não é possível compreender o processo pedagógico em separado dos processos sociais, ou seja, é preciso partir dos vínculos existentes entre educação e sociedade, objetivados na *prática social* dos seus agentes. Distancia-se, portanto, das concepções teóricas presentes *pedagogia tradicional* e da *pedagogia nova*, nas quais se atribui à escola uma autonomia em relação à sociedade, de tal modo que esta teria a função de promover a equalização social, livrando a humanidade dos males oriundos da falta de universalização do conhecimento. Para os autores que se orientam pelas contribuições da *pedagogia histórico crítica*, a educação é conceituada como uma atividade mediadora no seio da *prática social*, razão pela qual esta deve ser tomada como ponto de partida no processo de construção do conhecimento^{IV} (SAVIANI, 2005).

Nesta direção, a *prática social* é considerada como o primeiro momento de uma proposta metodológica alternativa aos métodos tradicionais de ensino. Parte-se do entendimento que a prática social é comum ao professor e ao aluno, porém estes a compreendem de modo distinto por estarem posicionados diferentemente na sociedade enquanto agentes sociais. Do ponto de vista pedagógico, há uma diferença crucial entre ambos, visto que o professor e o aluno se encontram em níveis diferentes de

^{III} Aqui estamos nos referindo às técnicas de comunicação que estimulam o diálogo horizontal entre os técnicos e agricultores como forma de construção do conhecimento, elaboradas a partir das contribuições do Educador brasileiro Paulo Freire.

^{IV} Segundo SAVIANI (2005, p. 73): "(...) A educação, portanto, não transforma de modo direto e imediato e sim de modo indireto e mediato, isto é, agindo sobre os sujeitos da prática".



compreensão (conhecimento e experiência) da prática social. Enquanto o professor possui uma “síntese precária” da prática social, os alunos por sua vez possuem uma compreensão de caráter sincrético. Segundo Saviani:

[...] A compreensão do professor é sintética porque implica certa articulação dos conhecimentos que detém relativamente à prática social. Tal síntese, porém, é precária uma vez que, por mais articulados que sejam os conhecimentos e as experiências, a inserção de sua própria prática pedagógica como uma dimensão da prática social envolve uma antecipação do que lhe será possível fazer com os alunos cujos níveis de compreensão ele não pode conhecer, no ponto de partida, senão de forma precária. Por outro lado, a compreensão dos alunos é sincrética uma vez que, por mais conhecimentos e experiências que detenham, sua própria condição de alunos implica uma impossibilidade, no ponto de partida, de articulação da experiência pedagógica na prática social de que participam (SAVIANI, 2005, p. 70-71).

Sendo assim, tomar a prática social como o primeiro momento do processo pedagógico, consiste em ver a realidade, tomando consciência de como ela se coloca em sua totalidade e em suas relações com o conteúdo que será desenvolvido ao longo do processo. [Gasparin2009cit](#)

O segundo momento desta proposta metodológica de ensino consiste na identificação dos principais problemas postos pela prática social, ou seja, o que está em questão é a problematização da realidade social e dos conteúdos que possibilitam a sua interpretação. Neste momento tanto o conteúdo quanto a prática social tomam novas feições: “[...] Ambos começam a alterar-se: é o momento em que começa a análise da prática e da teoria. Inicia-se o desmonte da totalidade, mostrando ao aluno que ela é formada por múltiplos aspectos interligados. São evidenciadas também as diversas faces sob as quais pode ser visto o conteúdo, verificando a sua pertinência e as suas contradições, bem como o seu relacionamento com a prática” (GASPARIN, 2009, p. 37).

O terceiro momento deste processo implica na apropriação dos instrumentos teóricos e práticos necessários ao equacionamento dos problemas detectados na prática social, o qual pode ser compreendido como *instrumentalização*. Neste momento, os estudantes e o professor agem no sentido da efetiva elaboração interpessoal da aprendizagem, mediante a apresentação sistemática do conteúdo por parte do professor e por meio da ação intencional dos alunos de se apropriarem desse conhecimento. Segundo Gasparin:

[...] Os sujeitos aprendentes e o objeto da sua aprendizagem são postos em recíproca relação através da mediação do professor. É sempre uma relação triádica, marcada pelas determinações sociais e individuais que caracterizam os alunos, o professor e o conteúdo. Nenhum dos três elementos do processo pedagógico é neutro, todos são condicionados por aspectos subjetivos, objetivos, culturais, políticos, econômicos, de classe, do meio em que se encontram ou provêm. [...] A instrumentalização é o caminho pelo qual o conhecimento sistematizado é posto à disposição dos alunos para que o assimilem e o recriem e, ao incorporá-lo, transformem-no em instrumento de construção pessoal e profissional (GASPARIN, 2009, p. 50-51).



O quarto momento deste processo é denominado de *catarse*, no qual ocorre o surgimento de uma nova forma de conhecimento a partir da prática social^V. Enquanto no momento da instrumentalização a operação básica para a construção do conhecimento é a *análise*, durante a *catarse*, a operação fundamental é a *síntese*. Ainda que didaticamente estas duas operações mentais sejam apresentadas de forma separada é muito difícil estabelecer com precisão onde uma começa e a outra termina. Neste caso, a síntese se caracteriza como o momento em que o educando sistematiza e manifesta o que assimilou após ter problematizado e analisado as questões trazidas a partir da prática social, entendendo-as em um novo patamar, mais elevado, mais consistente e mais bem estruturado. Segundo Gasparin:

[...] A *catarse* é a síntese do cotidiano e do científico, do teórico e do prático a que o educando chegou, marcando a sua nova posição em relação ao conteúdo e à forma da sua construção social e sua reconstrução na escola. É a expressão teórica dessa postura mental do aluno que evidencia a elaboração da totalidade concreta em grau intelectual mais elevado de compreensão. Significa, outrossim, a conclusão, o resumo que ele fez do conteúdo apreendido recentemente. É o novo ponto teórico de chegada; a manifestação do novo conceito adquirido ([GASPARIN, 2009, p. 124](#)).

O quinto e último momento desta proposta pedagógica consiste no retorno à prática social compreendida agora não mais em termos sincréticos pelos alunos. Neste momento, ao mesmo tempo em que os alunos ascendem ao nível sintético, em que se encontrava o professor no ponto de partida, reduz-se a precariedade da síntese do professor, cuja compreensão se torna mais e mais orgânica. Segundo Saviani:

[...] a compreensão da prática social passa por uma alteração qualitativa. Conseqüentemente, a prática social referida no ponto de partida (primeiro momento) e no ponto de chegada (quinto momento) é e não é a mesma. É a mesma, uma vez que é ela própria que constitui ao mesmo tempo o suporte e o contexto, o pressuposto e o alvo, o fundamento e a finalidade da prática pedagógica. E não é a mesma, se considerarmos que o modo de nos situarmos em seu interior se alterou qualitativamente pela mediação da ação pedagógica; e já que somos, enquanto agentes sociais, elementos constitutivos da prática social, é lícito concluir que a própria prática social se alterou qualitativamente ([SAVIANI, 2005, p. 72-73](#)).

Depreende-se desta proposta pedagógica que no processo de construção do conhecimento tanto o professor quanto o aluno se modificam qualitativamente em relação às suas concepções sobre o conteúdo que reconstruíram, passando de um estágio de menor compreensão científica a uma fase de maior clareza e compreensão destas concepções dentro da totalidade. Há, portanto, um novo posicionamento perante a prática social do conteúdo que foi adquirido. Todavia, esse processo de compreensão do conteúdo ainda não se concretizou como prática. Esta exige uma ação real do sujeito que aprendeu, requer uma aplicação. Contudo, esta aplicação prática não significa apenas a realização de atividades que envolvam um fazer predominantemente material (plantar uma árvore, construir uma casa, etc), podendo envolver mudanças nos processos

^V O conceito de *catarse* foi retirado da obra de Gramsci que a define como “uma elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens” (Gramsci, 1978, p. 53, Apud, [SAVIANI, 2005, p. 72](#)).



mentais e nas atitudes tomadas em relação a um determinado problema ([GASPARIN, 2009, p. 140](#)).

Embora essa orientação teórica seja difícil de ser operacionalizada em sua totalidade, pois prevê uma articulação coerente de todos os seus momentos, cabe destacar que ela serviu de inspiração para a montagem de uma proposta metodológica para a disciplina de extensão rural, na qual a prática social dos agricultores pudesse ser o ponto de partida das reflexões desenvolvidas em sala de aula. Isto influenciou na construção de uma experiência metodológica de ensino, cujas características em muito se aproximam da perspectiva teórica da pedagogia histórico crítica, as quais serão detalhadas a seguir.

A primeira característica das visitas técnicas de campo diz respeito ao fato destas oportunizarem um contato direto dos alunos com as populações rurais e suas diferentes condições de vida, ou seja, da sua prática social. Neste sentido, diferem radicalmente das aulas práticas realizadas em outras disciplinas dos cursos das ciências agrárias, cujo objetivo central é a realização de visitas em “propriedades modelo”, nas quais o objeto de interesse são as técnicas de produção agropecuária, em detrimento das demais dimensões presentes no mundo rural. Por essa razão, a característica mais valorizada pelos alunos nas visitas deve-se ao fato destas possibilitarem o contato direto e do diálogo com os agricultores e suas experiências de vida.

Tal contato geralmente proporciona outro olhar dos alunos sobre a realidade social do campo e o modo de vida dos agricultores, cujas informações na maioria dos casos são obtidas junto aos veículos de comunicação tais como, a televisão e as revistas semanais, cuja interpretação dos fatos não é neutra e tampouco isenta de intencionalidades políticas e ideológicas. Neste sentido, muitas noções prévias ou preconceitos de uma parcela dos alunos sobre o modo de vida dos assentados e dos agricultores familiares são desfeitos a partir do diálogo e do relato das suas trajetórias de vida. Ao visitarem os agricultores os alunos se veem mergulhados no universo das práticas sociais dos agricultores, tomando-as como ponto de partida para as suas reflexões em sala de aula.

A segunda característica importante dessa experiência metodológica reside na possibilidade de articular a discussão das situações concretas observadas a campo, com os temas presentes no programa da disciplina. Desse modo, temas como políticas públicas, condições de infra-estrutura, papel da assistência técnica, composição das famílias, associativismo rural, segurança alimentar, mercados agrícolas, etc., além de se tornarem mais palpáveis e compreensíveis aos alunos, possibilitam a sua problematização e análise valendo-se dos conteúdos teóricos discutidos com os alunos ao longo da disciplina.

A terceira característica importante desta experiência decorre do fato de que a problematização e análise da realidade social das comunidades visitadas é feita a partir de um levantamento detalhado de informações previamente discutido em sala de aula, no qual se propõe um roteiro de questões que possibilitem o estabelecimento de um encadeamento lógico de assuntos. Sob este aspecto, a realização das visitas não se constitui em uma ação isolada e desconectada da proposta metodológica de ensino, pois a sua não realização prejudicaria o aprendizado e o aproveitamento dos conteúdos previstos em seu programa.

A quarta característica importante desta experiência advém da sua ênfase na constituição de grupos de trabalho (GT's), nos quais se busca observar os princípios da



interdisciplinaridade e do equilíbrio de gênero. Ou seja, no início de cada semestre são formados grupos de cinco componentes, buscando sempre que possível mesclar alunos dos diferentes cursos das ciências agrárias que frequentam a disciplina, observando a paridade entre pessoas do sexo feminino e masculino. A opção pelo trabalho em grupo ao invés do individual tem como objetivo estimular os alunos a conviverem com pessoas de racionalidades distintas (trajetória pessoal e social, formação acadêmica e gênero), cujo desafio será a realização de uma tarefa comum, que se materializará na elaboração de um diagnóstico, de uma proposta de intervenção técnica e social e em um método de abordagem para as situações que puderem vivenciar conjuntamente, mediante a visita técnica. Neste processo, cada indivíduo contribuirá com o seu acervo específico de conhecimentos, cujo diálogo com os demais colegas proporcionará a elaboração de uma síntese coletiva dos problemas observados, aproximando-se de uma perspectiva de caráter interdisciplinar, ainda que esta apresente como limitação o fato do diálogo entre as formações profissionais restringir-se às ciências agrárias.

A quinta característica importante desta experiência advém do fato dela não se restringir exclusivamente ao exercício intelectual de análise das condições sociais e do modo de vida das comunidades visitadas (o diagnóstico), a fim de identificar os seus principais problemas e potencialidades. Isto, porque, a análise realizada é tomada como ponto de partida para a elaboração de uma proposta de intervenção técnica e social, razão pela qual o exercício realizado pelos alunos apresenta uma dimensão normativa, no qual está em jogo a discussão da construção de alternativas para o futuro das comunidades visitadas. Este olhar para o futuro, partindo das condições legadas pelo passado e materializadas no presente, constitui-se numa das dimensões mais importantes do trabalho dos extensionistas rurais, razão pela qual o seu trabalho não pode ser interpretado como uma “mediação desinteressada”, visto que a sua atuação pode influenciar de forma decisiva nas escolhas das alternativas a serem postas em prática pelos agricultores.

Neste processo é fundamental que a definição das alternativas ocorra em diálogo com os agricultores de modo a respeitar os seus desejos e expectativas de futuro, levando em consideração a coerência das propostas às suas diferentes realidades, de tal modo que estas apresentem condições mínimas de viabilidade para serem concretizadas. Ao serem estimulados a elaborar propostas viáveis para as situações visitadas e analisadas, os alunos são desafiados a refletir e discutir os diversos aspectos envolvidos nos processos de intervenção técnica e social, antecipando situações que encontrarão em sua futura atuação profissional.

A sexta e última característica da experiência refere-se à ênfase conferida aos métodos de abordagem propostos pelos alunos para colocarem em prática as alternativas técnicas e sociais definidas a partir da análise e da hierarquização dos principais problemas e potencialidades identificados nos locais visitados. Nesta parte do trabalho, os alunos são desafiados a definir um método de abordagem junto aos agricultores utilizando-se das técnicas de comunicação apresentadas e discutidas ao longo da disciplina, entre as quais se destacam as visitas individuais, as reuniões, dias de campo, excursões ou visitas de intercâmbio, unidades de observação e demonstração, propriedades modelo, entre outras ferramentas trabalhadas na execução dos Diagnósticos Rurais Rápidos e Participativos (caminhadas transversais, mapas de recursos, diagramas das tortas, etc.). Nesta etapa do trabalho é fundamental o exercício



da criatividade dos alunos na montagem de estratégias de curto, médio e longo prazo, nas quais possam planejar a articulação de um conjunto de métodos de comunicação coerentes com as alternativas definidas, priorizando aqueles que considerem o diálogo como peça fundamental no processo de mediação entre técnicos e agricultores.

ANÁLISE DO PROCESSO REALIZADO

Desde o início da adoção desta metodologia de ensino, os professores da Área de Extensão Rural (AER/UFRRJ) já realizaram entre os anos de 2007 e 2010 aproximadamente 25 visitas técnicas de campo, cobrindo uma diversidade de públicos bastante ampla e representativa do meio rural fluminense. Entre os locais visitados merecem destaque, acampamentos de sem-terras, os assentamentos de reforma agrária, áreas quilombolas, comunidades de pescadores, propriedades de agricultores familiares, reservas biológicas, centros de controle de zoonoses, estações de pesquisa, entre outras. Todas estas visitas permitiram um contato com uma variedade ampla de experiências produtivas, incluindo horticultura, fruticultura, silvicultura, bovinocultura de corte e leite, caprinocultura, piscicultura, maricultura, entre outras, buscando contemplar a diversidade de interesses dos alunos dos cursos de ciências agrárias da UFRRJ.

O processo de organização e realização destas visitas tem sido extremamente trabalhoso, pois exige uma seleção prévia dos locais a ser visitados, o contato com as comunidades e com os técnicos que os assessoram, o agendamento de transporte, a viabilização da alimentação dos alunos e a definição prévia de um roteiro das visitas com as comunidades escolhidas. Vencida esta etapa de preparação das visitas, que geralmente ocorrem antes do início do semestre letivo, as etapas seguintes se dão em sala de aula, quando os professores apresentam o programa da disciplina, detalhando a metodologia de funcionamento das visitas e das etapas previstas para a elaboração do trabalho final.

Conforme foi destacado anteriormente, esta metodologia prevê três momentos distintos. O primeiro ocorre em sala de aula, mediante a apresentação e discussão prévia pelos professores da disciplina de algumas metodologias de diagnóstico da realidade utilizadas pelos extensionistas atualmente, tais como a pesquisa participante, o diagnóstico dos sistemas agrários (DSA), o diagnóstico rural rápido e participativo (DRRP) e o planejamento participativo ([BRANDÃO, 1984](#); [COELHO, 2005](#); [RUAS, 2005](#); [VERDEJO, 2006](#); [BAPTISTA, 2000](#)). A discussão prévia destes conteúdos obedece à dinâmica prevista no programa da disciplina, e nem sempre é possível ministrá-los antecipadamente às visitas, visto que a programação destas depende da disponibilidade de agenda do setor de transportes da UFRRJ. Nas situações que não é possível ministrar as aulas relativas a estes conteúdos de forma antecipada, a alternativa adotada pelos professores tem sido discutir pelo menos o roteiro e a metodologia de elaboração do trabalho antes de cada visita técnica, o restante dos conteúdos é discutido ao longo do semestre. Para tanto, no início de cada semestre letivo, os alunos são distribuídos em Grupos de Trabalho (GT's), de cinco componentes cada, nos quais se busca, sempre que possível, constituir-los atendendo aos princípios da interdisciplinaridade e do equilíbrio de gênero.



Neste momento, a prioridade da ação pedagógica é voltada à problematização da realidade social do campo, das políticas de desenvolvimento rural e da atividade da extensão rural, mediante a reflexão prévia de algumas questões trazidas pela literatura indicada no programa da disciplina e das questões trazidas pelos alunos durante as aulas. Neste momento, a prática social dos agricultores somente aparece na disciplina de forma indireta, por intermédio da mediação do professor ao ministrar os conteúdos teóricos da disciplina. Pode-se dizer, que neste momento a problematização da prática social e a instrumentalização dos conteúdos ocorrem de forma simultânea.

O segundo momento ocorre a campo, quando os estudantes são orientados a fazer um levantamento detalhado de informações com base em um roteiro prévio de questões e temas, no qual buscam contemplar as múltiplas dimensões existentes da realidade do meio rural, aproximando-se das metodologias de diagnóstico preconizadas atualmente pelas abordagens sistêmicas ([OZELAME, 2002](#)). A coleta dessas informações é feita mediante a análise da paisagem (via caminhadas, transversais ou não) e do diálogo informal com os agricultores e técnicos que acompanham as turmas de estudantes durante as visitas. Por essa razão, tem-se privilegiado visitar experiências de trabalho com algum nível de organização coletiva, nos quais as comunidades possuem acompanhamento técnico por parte dos profissionais de instituições de ATER, sejam elas públicas ou não.

Antes da realização das visitas, os professores da área combinam com os técnicos e agricultores uma programação mínima do dia, que geralmente é compreendida de três momentos. No primeiro, os professores iniciam uma apresentação dos alunos aos agricultores, mediante uma conversa informal, na qual se busca conhecer melhor a trajetória da comunidade, suas dificuldades, seus progressos e expectativas em relação ao futuro, valendo-se do roteiro distribuído previamente. O segundo momento ocorre nas visitas às propriedades, nas quais os agricultores relatam aos alunos as suas experiências produtivas e buscam responder aos questionamentos apresentados pelos alunos. No terceiro e último momento, os professores, alunos e agricultores se reúnem para fazer uma avaliação da visita e dos aspectos que mais chamaram a atenção de todos.

Esta etapa de campo é o momento mais rico da metodologia, pois dá oportunidade aos estudantes do contato direto com os agricultores, suas dificuldades, seus avanços e expectativas de futuro. Trata-se de um verdadeiro “mergulho” na realidade social do campo, possibilitando aos alunos o estabelecimento de uma relação de diálogo direto com os agricultores antes da sua atuação profissional. Sob este aspecto, não se trata apenas de uma visita de “coleta de informações” para uma posterior análise, mas um momento privilegiado de reflexão das questões que se fazem presente na prática social dos agricultores e suas famílias. Por essa razão, muitas das limitações e oportunidades identificadas pelos alunos são discutidas *in loco* com os próprios agricultores e técnicos, possibilitando aos mesmos expressarem as suas opiniões. Além disso, a visita também se constitui num momento privilegiado para os professores discutirem e aprofundarem com os alunos, agricultores e técnicos muitos dos conteúdos teóricos ministrados em sala de aula.

O terceiro e último momento de aplicação da metodologia ocorre em sala de aula, quando os professores e os alunos discutem coletivamente todos os aspectos observados durante a visita, tendo por objetivo a elaboração de um trabalho escrito e a sua



apresentação em um seminário final da disciplina, composto de três componentes: a) elaboração de um diagnóstico do local visitado; b) proposição de alternativas de intervenção técnica e social; c) elaboração e proposição de um método de abordagem junto aos agricultores. Este momento pode ser equiparado à tentativa de construção de uma síntese dos alunos, mediante a articulação da reflexão acerca dos conteúdos teóricos ministrados durante o semestre letivo, com as questões identificadas e registradas durante a visita técnica. Trata-se do momento catártico, tal qual mencionado por [SAVIANI \(2005\)](#), no qual os alunos produzem uma síntese própria a partir do conhecimento e das experiências que acumularam e das reflexões que realizaram em diálogo com o professor.

Sendo assim, a primeira tarefa dos alunos após a realização das visitas é a elaboração de um diagnóstico detalhado dos principais problemas e potencialidades identificados nas propriedades/comunidades visitadas, a fim de compreender as suas causas e consequências. Nessa primeira etapa, os alunos são desafiados a hierarquizar os problemas identificados, a fim de concentrarem os seus esforços de reflexão sobre aqueles que eles consideram como principais, ou seja, os alunos elegem um conjunto de problemas para os quais construirão uma proposta de intervenção técnica e social. Por essa razão, quanto mais interdisciplinar for o GT, maior será a pluralidade de conhecimentos utilizados na interpretação dos problemas e potencialidades que serão descritos e explicados na elaboração do diagnóstico.

Após a hierarquização e a definição dos problemas principais, os GT's são desafiados a elaborar uma estratégia de intervenção técnica, mobilizando e articulando os conhecimentos específicos de cada curso de modo a propor alternativas viáveis. Nesta etapa, assim como na anterior, a interdisciplinaridade torna-se extremamente importante, pois quanto maior for o leque de cursos no GT, há uma tendência das propostas de intervenção serem mais plurais e abrangentes. Nesta fase, os alunos são desafiados a construir propostas tendo como referência a utilização dos recursos existentes dentro da propriedade, evitando-se ao máximo possível o uso de insumos externos.

Uma vez elaborada a estratégia de intervenção técnica e social, os alunos voltam-se à construção de uma metodologia de abordagem junto aos agricultores, discutindo ações para serem operacionalizadas no curto, médio e longo prazo. Nessa metodologia sugere-se aos alunos que detalhem passo a passo, como e quais serão os procedimentos a serem adotados para promover a construção das propostas de intervenção em conjunto com os agricultores implicados. Ou seja, como seria a abordagem junto aos agricultores? Por meio de reuniões? Visitas? Dias de campo? Trocas de experiências? Áreas demonstrativas? Como envolverão os agricultores nas decisões e na execução das ações previstas? Enfim, os alunos são desafiados a detalhar quais serão os recursos metodológicos que pretendem adotar e de que forma farão isso, evitando-se a reprodução dos métodos difusionistas da extensão rural convencional.

Do ponto de vista prático, esta etapa de elaboração do trabalho escrito depende muito do grau de rigor dos alunos na observação da realidade e no levantamento das informações sugeridas no roteiro entregue pelos professores. A experiência das visitas realizadas pelos professores da UFRRJ demonstra que o grau de rigor é bastante variável entre os grupos de alunos, seja em função do seu nível interesse pela disciplina e pelo trabalho prático em questão, pela apropriação diferenciada dos conteúdos ministrados durante a disciplina, pela maior ou menor experiência na elaboração de análises, entre



outros. Desse modo, observa-se que alguns grupos produzem diagnósticos bem detalhados, apresentando reflexões e análises consistentes sobre a realidade visitada, enquanto que outros produzem relatórios meramente descritivos dos problemas, sem aprofundar muito na compreensão das suas causas e consequências. Em geral, a maior parte dos grupos de alunos produz diagnósticos e propostas de intervenção técnica consistentes, porém não conseguem avançar muito no detalhamento das ações e na abordagem metodológica, sendo este um aspecto que necessita ser acompanhado de perto pelos professores da disciplina.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A efetivação da experiência metodológica de ensino em andamento na UFRRJ contou a existência de alguns elementos facilitadores, que serão pontuados a seguir. Em primeiro lugar, cabe destacar que havia um consenso entre os professores da AER/UFRRJ quanto à necessidade de articulação dos conteúdos teóricos ministrados na disciplina às situações práticas vivenciadas pelas comunidades de agricultores familiares. Isto possibilitou com que as visitas de campo se tornassem uma atividade rotineira no desenvolvimento dos conteúdos da disciplina de extensão rural. Em segundo lugar, constata-se a existência de uma alta receptividade por parte dos agricultores e suas organizações, bem como das instituições de ATER e seus técnicos à iniciativa dos professores da UFRRJ, em razão do entendimento de que estas contribuem para a formação de profissionais mais sensíveis aos problemas vivenciados pelos agricultores familiares do meio rural fluminense.

Essa receptividade dos agricultores tem convergido com o elevado interesse demonstrado pelos alunos da disciplina em participarem das visitas técnicas de campo, dadas as escassas oportunidades de estes estabelecerem um contato direto com as comunidades de agricultores e suas práticas produtivas ao longo de seus cursos de graduação. Em terceiro lugar, constata-se que a existência de uma metodologia clara e objetiva para a realização das atividades práticas de campo, contribuiu para a compreensão dos alunos a respeito das finalidades e expectativas projetadas para o trabalho final. Contudo, isto não significa que a metodologia esteja pronta e acabada, e que não careça ainda de ajustes e aperfeiçoamentos. Por fim é preciso destacar que esta metodologia somente se viabilizou, mediante o apoio institucional prestado pela UFRRJ, na disponibilização de transporte e motoristas para as visitas.

Se por um lado, existem elementos facilitadores da experiência em questão, por outro é preciso considerar também alguns dos seus obstáculos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que a *proposição* de novas metodologias de ensino apenas no âmbito de uma disciplina da grade curricular é insuficiente para produzir mudanças significativas no perfil de atuação dos profissionais das ciências agrárias, a fim de que estes consigam dar conta de resolver problemas que extrapolem a esfera técnico-produtiva, desenvolvendo ainda, uma disposição ao diálogo interdisciplinar e uma visão sistêmica dos processos socioprodutivos. Tal intento somente poderá ser alcançado mediante o estabelecimento de um debate sério e profundo entre as universidades e demais setores da sociedade em torno da redefinição dos objetivos dos cursos de ciências agrárias, do perfil de atuação dos seus profissionais, das grades curriculares e dos conteúdos programáticos e metodológicos do conjunto das suas disciplinas.



No âmbito das dificuldades operacionais, cabe registrar que a UFRRJ se encontra localizada em uma região, cujo passado foi marcado pelo predomínio das atividades agropecuárias, porém nos anos recentes a implantação de obras viárias e a instalação de indústrias nos municípios adjacentes reduziram a importância das atividades rurais, ao mesmo tempo em que está ocorrendo um processo de esvaziamento do meio rural e uma intensificação da urbanização. Neste contexto, as possibilidades de realizar visitas em comunidades próximas a UFRRJ tem sido escassas, razão pela qual a alternativa tem sido fazer longos deslocamentos para comunidades mais afastadas no Sul Fluminense e Norte Fluminense. No âmbito das dificuldades institucionais, vale destacar que a despeito do apoio oferecido pela Administração Superior da UFRRJ no suporte às visitas de campo, ainda estamos tendo dificuldades de agendamento de transporte em virtude da alta demanda por veículos ocasionada pelo aumento dos cursos de graduação no último período. Sendo assim, não é possível vislumbrar um aumento das atividades práticas num contexto em que a estrutura disponível precisa atender a todos os cursos da UFRRJ.

Em que pesem os limites aqui apontados, cabe destacar que a experiência das visitas de campo na UFRRJ tem produzido alguns resultados importantes, alguns deles atestados pelos próprios alunos em suas avaliações. Entre esses resultados merecem destaque: a) a maior valorização da disciplina por parte dos estudantes, em razão desta proporcionar a oportunidade de um contato com a realidade social do campo e uma articulação entre a “teoria” e a “prática”, algo não muito comum, inclusive nas disciplinas mais “técnicas”; b) a sensibilização dos estudantes para os problemas que extrapolam a esfera técnico-produtiva, tais como os econômicos, políticos, sociais, culturais, organizativos e ecológicos, o que contribui para o desenvolvimento de uma percepção sistêmica dos problemas e potencialidades presentes no meio rural; c) a oportunidade dos alunos estabelecerem um diálogo direto com os agricultores, o que possibilita a compreensão de que os mesmos são possuidores de conhecimentos distintos do conhecimento científico adquirido nas universidades e de uma racionalidade própria na resolução dos seus problemas; d) a oportunidade dos estudantes estabelecerem um contato com técnicos que já possuem experiência de trabalho a campo, o que permite o esclarecimento das suas principais dúvidas e a discussão de temas e questões relacionados à extensão rural; e) oportunidade de ampliação do conhecimento da realidade social do meio rural fluminense pelos professores, o que favorece o debate dos temas do programa da disciplina com base em situações concretas; f) aproximação da universidade com os diferentes grupos e organizações sociais, o que no futuro poderá contribuir para o estabelecimento de parcerias em projetos de pesquisa e extensão, entre outros resultados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo analisou-se a contribuição prestada pelas visitas técnicas de campo no processo de formação dos futuros profissionais das ciências agrárias, concebendo-as como um recurso metodológico utilizado pela disciplina de extensão rural na busca por uma maior integração entre os conteúdos teóricos e a prática social dos agricultores. Por essa razão, na organização das visitas técnicas de campo buscou-se contemplar uma pluralidade de públicos atualmente abrangidos pela categoria sócio-



política da agricultura familiar. O objetivo principal dessas atividades foi despertar o interesse dos alunos dos cursos de graduação das ciências agrárias da UFRRJ para os temas abordados no conteúdo programático da disciplina e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento de uma percepção sistêmica das múltiplas dimensões da realidade social do meio rural, a partir de um exercício de diálogo interdisciplinar.

No desenvolvimento desta metodologia de ensino foram previstos três momentos distintos. O primeiro deles ocorre em sala de aula, mediante a apresentação e discussão prévia das principais metodologias de diagnóstico da realidade utilizadas pelos extensionistas atualmente. O segundo momento ocorre no campo, quando os estudantes realizam um levantamento detalhado de informações com base em um roteiro prévio de questões e temas, no qual se busca contemplar as múltiplas dimensões existentes da realidade do meio rural, aproximando-se das metodologias de diagnóstico preconizadas atualmente pelas abordagens sistêmicas. O terceiro e último momento ocorre em sala de aula, quando os professores e os alunos discutem coletivamente, todos os aspectos observados durante a visita, tendo por objetivo a elaboração de um trabalho escrito e a sua apresentação em um seminário final da disciplina.

A construção deste trabalho prevê a existência de três componentes básicos: a) a elaboração de um diagnóstico detalhado com a discussão dos principais problemas e potencialidades identificados nos locais visitados; b) a elaboração de uma análise com a definição e a sugestão de propostas de intervenção técnica e social a serem discutidas em conjunto com as comunidades rurais, visando à superação dos problemas identificados ou o fortalecimento das suas potencialidades endógenas; c) a elaboração de uma metodologia de abordagem a ser adotada junto aos agricultores, com a definição das ferramentas de trabalho a serem utilizadas pelos extensionistas nos horizontes de curto, médio e longo prazo.

O desenvolvimento desta experiência de ensino na disciplina de extensão, não se constitui em uma “invenção da roda”, tendo em vista que a maior parte dos seus princípios norteadores foram inspirados em ferramentas já consagradas no trabalho dos extensionistas que se orientam na perspectiva do diálogo e da horizontalidade, tão em voga nos debates acadêmicos e políticos na atualidade. Contudo, essa experiência contribuiu para fortalecer a convicção de que a aplicação de metodologias similares a esta nos demais cursos de graduação das ciências agrárias, articulada a outras iniciativas voltadas à integração das diversas áreas do conhecimento científico, pode contribuir na superação das práticas de ensino baseadas nos princípios da “educação bancária” que nos fala [Paulo Freire \(1983\)](#). A manutenção dessa concepção ensino nos cursos das ciências agrárias ainda se constitui num desafio para a superação da lógica da “transferência de tecnologia”, tão cara ao modelo difusionista de extensão rural, que bem ou mal ainda prossegue como um modelo de referência de atuação profissional.

Sendo assim, a introdução de metodologias de ensino baseadas na premissa de que o conhecimento prévio da realidade e das suas múltiplas dimensões necessita anteceder às recomendações técnicas, pode produzir rupturas importantes na lógica de pensamento difusionista ainda presente nas ciências agrárias. Isto, porque, o conhecimento da realidade e a discussão dos seus problemas poderão contribuir na formação de profissionais com uma visão mais abrangente e crítica acerca dos problemas que afetam o meio rural e suas comunidades. Neste caso, a busca de soluções deixa de ser encarada sob a ótica das “receitas prontas”, assumindo-se uma perspectiva mais



aberta, na qual as propostas de intervenção técnicas e sociais são pensadas em diálogo com as comunidades implicadas e às diferentes realidades agroecológicas.

Contudo, os professores da AER/UFRRJ têm ciência de que a proposição de novas metodologias de ensino no âmbito de uma disciplina da grade curricular é insuficiente para produzir mudanças significativas no perfil de atuação dos profissionais das ciências agrárias, a fim de que estes consigam dar conta de resolver problemas que extrapolem a esfera técnico-produtiva, desenvolvendo ainda, uma disposição ao diálogo interdisciplinar e uma visão sistêmica dos processos sócio-produtivos. Tal intento somente poderá ser alcançado mediante o estabelecimento de um amplo debate entre as universidades e demais setores da sociedade em torno da redefinição dos objetivos dos cursos de ciências agrárias, do perfil de atuação dos seus profissionais, das grades curriculares e dos conteúdos programáticos e metodológicos do conjunto das suas disciplinas. Contudo, é preciso ter presente que esse debate não está dissociado das discussões mais gerais sobre as estratégias de desenvolvimento econômico e social, em suas escalas nacional, regional e local.

Por fim cabe assinalar que a implantação dessa proposta metodológica trouxe também uma série de desafios, dos quais alguns são difíceis de serem superados nos limites de uma disciplina. O primeiro deles diz respeito ao fato de que as incursões a campo, apesar de positivas, ainda são insuficientes para o tratamento mais detido de questões cuja complexidade não pode ser apreendida em visitas de curta duração, o que tem gerado um debate entre os professores acerca da possibilidade de ampliar as visitas de um para dois dias. O segundo desafio está relacionado à natureza da metodologia que até aqui tem trazido uma contribuição maior para a formação dos estudantes, do que o compartilhamento das reflexões às comunidades visitadas. Como alternativa, está se discutindo a possibilidade de trazer os agricultores das comunidades visitadas na apresentação dos seminários finais, ou mesmo de apresentar os resultados na própria comunidade. O terceiro desafio, diz respeito à forma de organização dos conteúdos da disciplina, uma vez que a integração das visitas como atividade regular, tem exigido um tratamento antecipado de alguns temas, cujo objetivo é preparar melhor os estudantes para a observação da realidade e para o diálogo com os agricultores, algo que nem sempre é possível de ser feito, em face às dificuldades de agendamento antecipado de transporte. O quarto desafio, diz respeito à forma de acompanhamento dos estudantes após a realização das visitas, uma vez que estes trazem consigo muitas dúvidas e questões que precisam ser debatidas e esclarecidas, para que os trabalhos finais possam ser elaborados dentro da proposta sugerida no âmbito da disciplina.

Todos os desafios aqui assinalados demonstram que essa experiência metodológica de ensino se encontra ainda em fase de construção, razão pela qual existem muitos ajustes a serem feitos no futuro. De qualquer modo, os resultados obtidos até aqui demonstram que a inclusão das visitas técnicas de campo dentro de uma proposta metodológica planejada e articulada à discussão dos temas da extensão rural, constitui-se numa iniciativa importante para a valorização desta disciplina e para a ampliação da percepção do horizonte de atuação dos futuros profissionais das ciências agrárias.

REFERÊNCIAS

- [BAPTISTA, M. V.](#) *Planejamento Social: intencionalidade e instrumentalização*. São Paulo: Veras; Lisboa: CPIHTS, 2000.
- [BRANDÃO, C. R.](#) *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- [CAPORAL, F. R.](#) *La Extension agraria del sector publico ante los desafios del desarrollo sostenible: el caso de Rio Grande do Sul, Brasil*. 1998. 2 v. Tese (Doutorado em Agronomia) - Universidad de Cordoba; Escuela Tecnica Superior de Ingenieros Agronomos y de Montes; Instituto de Sociologia y Estudios Campesinos 1998.
- [COELHO, F. M. G.](#) *A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos*. Viçosa: Ed. da UFV, 2005.
- [COWAN ROS, C.](#) Mediação e conflito: lógicas de articulação entre agentes de promoção social e famílias camponesas no norte da Província de Jujuy, Argentina. In: NEVES, Delma Pessanha (Org.). *Desenvolvimento social e mediadores políticos*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2008. p. 99-128.
- [GASPARIN, J. L.](#) *Uma didática para a pedagogia histórico-crítica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.
- [OZELAME, O.](#) O enfoque sistêmico na extensão: desde os sistemas "hard" aos sistemas "soft". *Agrociência*, 2002, v. 6, n. 2, p. 53-60, 2002.
- [Freire, P.](#) *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro; Paz e Terra. p. 150. 1983
- [RUAS, E. D. et al.](#) *Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR*. Belo Horizonte: [s.n.], 2006.
- [SAVIANI, D.](#) *Escola e democracia*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- [VERDEJEO, M. E.](#) *Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP*. Brasília, DF: MDA: SAF: DATER, 2006.